

“Isso é conversa de candango”. Memórias acerca da construção de Brasília
(1956-1960).

Cosma

Silva de Araújo¹

Telma Bessa Sales ²

Resumo

O foco dessa pesquisa é a migração dos trabalhadores de Araquém no município de Coreaú para Brasília no período de 1956 a 1960. Destaca-se o papel do migrante cearense, sua capacidade de resistir e de refazer seu lugar, tanto cultural como economicamente, em terras distantes, analisando como eles viviam no contexto de uma cidade em construção. Por meio da metodologia história oral buscamos problematizar os significados elaborados pelos sujeitos para suas práticas sociais, valorizando as suas narrativas na composição de suas memórias. Pretendemos fazer uma reconstrução da história a partir das memórias dos imigrantes cearenses construtores de Brasília, enfocando a participação efetiva dos trabalhadores que de agricultores á trabalhador da construção civil, tiveram suas vidas e espaços completamente modificados. Portanto, as narrativas apresentadas por eles, são antes de tudo, as representações de homens comuns do interior do Estado do Ceará acerca da História, as suas paixões e visões de mundo, sonhos, esperanças, que se manifestam nas suas falas sobre suas trajetórias de vida. Nesta perspectiva, as suas narrativas apontam para um mesmo acontecimento, “um Incidente na Construtora Pacheco Fernandes Dantas” onde os trabalhadores da Construtora, ao reivindicarem melhores condições de trabalho, sofreram com a violência da Guarda especial de Brasília – GEB. Assim, apontamos para várias lacunas na história da Construção de Brasília, que tende a cair no esquecimento, em detrimento dos discursos de exaltação da mesma. Trabalhadores de Araquém em suas narrativas apontam para uma versão diferente da que consta na chamada da História Oficial. Os mesmos relembram da violência pela qual passaram na “Capital da Esperança”.

Migração. Exclusão. Resistência.

“Os candangos se encarregaram de responder por mim, trabalhando dia e
noite”.

(Juscelino Kubistchek)

No Brasil existe uma prática cotidiana que vem se desenvolvendo desde o século XIX, por motivos diversificados, é o processo migratório, em especial a mobilidade de nordestinos para o “Sul maravilha”. Neste sentido, há uma série de publicações sobre a temática desde obras literárias, como Vidas Secas de Graciliano Ramos. Há diversos livros e obras acadêmicas como a tese de doutoramento de Telma Bessa Sales “Canudenses em São Paulo” e a tese de Ely Souza Estrela publicada no livro “Os

¹ Graduanda em História e bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

²Doutora em História Social pela PUC/SP e Professora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA-Sobral-CE.

Sampauleiros: Cotidiano e representações”. Constatamos algo em comum nos respectivos estudos colocados em evidência: são as narrativas dos migrantes e suas experiências.

O foco dessa pesquisa é a migração dos trabalhadores de Araquém no município de Coreaú para Brasília no período de 1956 a 1960, destacando o papel do migrante cearense, com sua capacidade de resistir e de refazer seu lugar, tanto cultural como economicamente, em terras distantes. Analisando como eles viviam no contexto de uma cidade em construção e apresentar os diferentes discursos a acerca da construção de Brasília.

Nesta perspectiva entender as trajetórias de vida desde os motivos da saída de Araquém até a chegada em Brasília e posterior volta ao ceará, pois estes sujeitos são parte do grupo que voltou para sua terra natal quando a Cidade foi inaugurada.

Pretendemos refletir sobre o contexto da vida desses trabalhadores em Brasília e discutir por que eles não ficaram morando na capital como muitos outros Trabalhadores que se instalaram nas cidades satélites? E ainda refletir sobre os impactos do discurso desenvolvimentista de JK em suas vidas. Todos voltaram aos seus destinos, mas cabe questionar as motivações para o regresso. Por que foram incentivados pelo governo a voltarem uma vez que, com a cidade construída não havia mais espaço e trabalho para eles? ou foi apenas a saudade dos que ficaram para trás no seu torrão natal.³ Como era a vida de um candango em Brasília? As condições de vida de lazer de habitação, de trabalho?

Ao considerar “omissão” da História oficial em negar a participação dos verdadeiros construtores de Brasília, na historiografia oficial que não leva em conta a análise desses sujeitos, queremos evidenciar na nossa pesquisa não os grandes feitos do presidente e de seus pares, mas pretendemos fazer uma reconstrução da história a partir das memórias dos imigrantes cearenses construtores de Brasília. Enfocando a participação efetiva dos trabalhadores que de agricultores á trabalhador da construção civil, tiveram suas vidas e espaços completamente modificados.

³ Quando as construções terminaram, e a sede do governo foi transferida para Brasília, não houve mais espaço, para os candangos, sem instrução, muitos foram incentivados a voltar aos seus locais de origem, denotando assim a exclusão desses trabalhadores.

Os Trabalhadores de Araquém se adaptaram a um novo contexto social completamente diferente de suas realidades, de agricultores acostumados com a lida na roça, se incluem em Brasília como um Operário assalariado da Construção Civil. Mas, cabe fazermos uma reflexão mais aprofundada sobre as diversas motivações que fizeram com que, estes homens se envolvessem neste Projeto de Nação, foi apenas o desejo de mudar de vida? Ou estão envolvidas nesse processo questões mais complexas que merecem ser analisadas?

Entender por meio das narrativas destes trabalhadores, como estes se percebem enquanto sujeitos históricos, através de suas memórias e experiências. Por meio da metodologia da história oral, foram utilizados nessa pesquisa duas entrevistas realizadas em 2011, com os senhores Benedito Teles Moreira e Carlito Cardoso, as entrevistas foram divididas em temáticas e história de vida, lembrando que no decorrer da pesquisa vão surgindo novos sujeitos. Foram utilizados também os documentos do NEDHIS, como a Revista Visão, sendo possível também cruzar com outras fontes, e com algumas literaturas específicas sobre a construção de Brasília. Utilizamos também a carteira de Trabalho de um dos entrevistados.

A década de cinquenta foi importante para a História do Brasil, sendo um período decisivo para o desenvolvimento do país. Neste sentido, o governo de Juscelino marcou a política econômica brasileira, com o modelo econômico “50 anos em cinco” e a construção de Brasília assumia nesse contexto a representação desse desenvolvimento pretendido por JK, com o objetivo de promover a interiorização do País e a tão sonhada integração Nacional. Este, que em suas próprias palavras afirma “O grande desafio da nossa História estava ali: Seria forçar-se o deslocamento do eixo do desenvolvimento nacional. Ao invés do litoral- que já havia alcançado certo nível de progresso- povoar-se o planalto Central.” (OLIVEIRA, 1975:08).

A nova capital começou a ser construída em 3 de novembro de 1956 período que iniciou- se através obras com a construção de abrigos para os operários, chamados de *candangos*⁴. Estes vieram de todo o Brasil, porém o maior contingente provinha do

⁴ O termo Candango foi socialmente e historicamente construído, foi trazido ao Brasil pelo os escravos africanos, era um termo pejorativo ao qual eles se referiam aos colonizadores, o termo foi introduzido no Brasil através do tráfico negreiro com os escravos da Angola, aqui ele é utilizado para designar as pessoas do interior em oposição ao litoral, referindo-se aos trabalhadores pobres itinerantes do interior, com trabalhadores o termo chega a Brasília, durante sua construção, o termo ganha outro sentido, passando a

Nordeste e do centro oeste. Sendo contratados pelas construtoras PACHECO FERNANDES DANTAS, RABELO e por outras construtoras. Saíram de sua realidade no interior do estado do Ceará, rumo ao centro- Oeste, para embarcar no sonho de Juscelino. Segundo Wilson Ibiapina, quando o presidente Juscelino Kubitschek decidiu construir a capital do País no Planalto Central, muitos cearenses se animaram com a oportunidade para mudar de vida. Pedreiros, carpinteiros, ajudantes de obra, agricultores, comerciantes, fotógrafos. Um contingente de 64.314 candangos que trabalharam febrilmente na construção da futura cidade. *Força e garra dos cearenses na construção da Capital Federal*(FONTE: *Diário do Nordeste, Dom, 02 de Maio de 2010 00:00*).

Neste contexto da construção de Brasília, o Ceará sofre com uma grande seca, os trabalhadores agricultores de Araquém sem outras maneiras de sobreviver e sustentar sua família, vêem como alternativa a migração para o centro oeste, uma vez que as promessas de ganhar dinheiro eram grandes. Podemos perceber isso na fala de seu Benedito, que viajou pela primeira vez em 13 de novembro de 58, e é conhecido na Comunidade de Araquém como seu Bené. Quando indagado sobre os motivos de sua ida para Brasília ele responde:

A seca, 58, não tinha, num tinha como a gente sobreviver aqui, né.só ficou as mulher aqui, os homem foram embora tudim, ficou só as pessoas mais velha, até o papai foi(...) vendeu um terreno no, vendeu um terreno aqui nos angicos pra poder viajar conseguir verba e deixar pra família cumê, né? Pra num deixar com fome(...),eu disse, pai eu vou embora pra Parnaíba trabalhar mais o ti Alfonso, ai ele disse “não vai não”eu digo “ eu vou pai, vou fazer o que aqui na seca no Ceará?O ti Alfonso já foi se embora eu vou fazer o que? Eu vou morrer de fome aqui?Ai tirei meus documentos e fui, ai no dia da viagem, as respas da viagem chegou foi uma carrada lá, mais, mais de quinze pessoas.(MOREIRA:2011)

No estudo aprofundado do processo migratório Brasileiro, percebe-se que as Migrações internas são resultantes da penetração do Capitalismo nas diversas regiões do País. (SOUZA, 1980) “A crescente dicotomia entres as condições de vida no Campo e das Cidades não deixa de ser também um fator de grande influência.” Sabemos que essa dicotomia entre o “atraso” no campo e a oportunidades de emprego na cidade é um fator

designar todos os que participaram da Construção, ou ainda, qual quer um dos primeiros habitantes de Brasília.(interpretação a partir do artigo “Os Candagos”de VISODET).

que deve ser considerado nessa pesquisa, mas cabe pensar que as motivações para emigração acontecem por vários fatores, e é isso que nós também pretendemos investigar.

O Plano de Metas de JK abrangia os seguintes setores: energia; transporte; alimentação; indústria de base; Educação, e por último a criação da Capital no Centro Oeste do País. Segundo (MILDER, 2011) “no discurso inicial de sua campanha eleitoral à Presidência de 1956, Juscelino prometeu o que nenhum presidente havia feito: Construir a nova Capital.” Esta última, se tornou a menina dos olhos do Presidente, seria a “Meta- síntese” este que se incumbiu da tarefa de não só construir uma Cidade, mais mudar a Capital do país.

Com a posse de JK, em janeiro de 1956, a ênfase do governo voltou-se para o processo de industrialização, concentrado do sudeste, e para a construção da nova Capital, Brasília. Para o Nordeste o governo criou um grupo de Trabalho, o GTDN (grupo de trabalho para o desenvolvimento do nordeste), que iniciou suas reuniões no ano seguinte, mas sem nenhuma interferência imediata nos rumos da política econômica Juscelinista, o DNOCS, responsável em última instância pelo combate às secas foi entregue ao PSD, partido do presidente da República. Até 58 pouco ou nada foi feito previamente e nenhuma obra foi iniciada. (VILLA, 2001:175).

A revista Visão,⁵ em data da revista(QUE MÊS) 1959 lança uma matéria de capa com o seguinte título “*O pesadelo da conformidade: como se padroniza metas, mentes e sonhos*”. Em outra matéria, fazem críticas ao plano de metas, a falta de incentivo à agricultura, “*Agricultura Sobrou: Meta sem vez*”. Podemos perceber que o discurso e interesse de desenvolver o país a partir da construção de Brasília, não convenciam a todos, tendo em vista que muitos, não estavam de acordo com a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília.

Não muito diferentes de outros nordestinos, os Trabalhadores de Araquém na década de cinquenta se depararam com essa necessidade de migrar para o Centro-Oeste, uma vez que, o país, estava em processo de abertura ao Capital externo e se configurava um novo modelo econômico conhecido com o lema “Cinquenta anos em cinco”. Esse desenvolvimentismo inaugurado pelo Presidente Juscelino Kubitschek,

⁵ Revista muito importante na época, hoje não está mais em circulação.

pretendia acima de tudo uma Industrialização acelerada. Como já foi citada acima no mesmo período a população do Ceará sofria com a grande seca, esta que impossibilitou o trabalho na agricultura que até então, era a única forma de sobrevivência para esses cearenses⁶. No ano de 1958 no nordeste dos 2,5 milhões de nordestinos atingidos, 200 mil abandonaram o polígono.

A viagem tinha seu início em Araquém, aonde os rapazes se reuniam para ir até Parnaíba no Estado do Piauí, lá eles ficavam mais uns dias, esperando juntar um grande número de pessoas, para que pudessem lotar o pau de arara para seguirem viagem rumo a Brasília. Seu Bené conta que, na primeira viagem saiu de Parnaíba no dia 13 de novembro de 1958, chegando a Brasília no dia 17 de dezembro, passando mais de mês viajando.

Chegando à Brasília seu Bené se encontrava com seu padrinho Senhor Quinca, mas, como os parentes que já moravam em casa pequenas e sem estrutura ele ficou nos acampamento da própria construtora indo morar na vila Mauri na chamada cidade livre. Seu bené lembra com entusiasmo da inauguração da cantina na firma onde ficou pela primeira vez. Esta por sua vez é uma presença constante na sua memória.

Benedito: “Ai quando foi em dezembro, ou foi em março de cinquenta e nove a firma inaugurou a cantina, ai fez a festa com todo pião, era galinha cheia, cerveja pra cada pião, cada pião tinha uma cerveja um pão confeitado, uma banda de galinha e uma cerveja na banca.” (...). É talvez, era uns pratinho de aluminho né? Se servia no balcão, no balcãozinho assim que era cinco garçom né, botava, uma coisa, botava aqui, botava ali, *ai chagava aqui na mesa derramava a comida lá*, e não prestava mais, e ficava jogando na cantina, era um salanzão, lá cabia muita gente, cabia, essa casa aqui era pequena prá ela lá, porque lá era grande rapaz é quase, dava quais um quarteirão, ai tinha cantina, tinha a tinha a sala de refeição, e tinha a conzinha, tinha açougue, *a firma comprava todo dia quatrocentos quilos de carne e ossada lá ninguém comia não, butava a ossada lá, aquela ossada da melhor que tinha gostava, tinha um velho lá do lago Paranoá ia queimando aquilo bagulho lá pra não apodrecer né, aquela comida que sobrava, a gente tinha pena ,nos pensando nós passando fome aqui no Ceará, e nos instruindo aqui, instruindo comida, pegava aquele saco cheinho pedaço de carne levava pro lugar assim, pro outro lado, e nos pensava assim tanta gente passando fome no ceará, gente morrendo de fome, e nós aqui instruindo comida aqui.*

⁶ O que é comum acontecer nos chamado “**polígono da secas**” é a “**Indústria da seca**” sendo termo utilizado para designar a estratégia de alguns políticos que aproveitam a tragédia da seca na [região nordeste](#) do Brasil para ganhar vantagens utilizando-se da calamidade para conseguir mais verbas, incentivos fiscais, concessões de crédito e perdão de dívidas.

Quando seu Bené fala dos desperdícios com a comida da demonstrando como isso o sentimento de solidariedade para com seus conterrâneos que não tiveram a mesma “sorte” que ele, que se encontravam no Ceará sofrendo com os problemas com a falta de Alimentação. Os ossos que eram jogados foram para seu Bené já seria de grande ajuda para os que ficaram.

Dos dois entrevistados ele é que conta sua experiência com mais entusiasmo, afirma não ter tido dificuldade de se comunicar como os outros trabalhadores inclusive os engenheiros das obras, que eram em sua grande maioria estrangeiros americanos, espanhóis, alemães, japoneses. “A língua, a gente trabalhava e entendia, eu trabalhava com um espanhol que era MEU ENGENHEIRO, ele me pedia a minha metralha, ele chamava era triciclo a gente compreendia, ele dava, fazia (...)o desenho nos fazia como ele mandava fazer, a parede, uma caixa, uma coisa.”

O interessante é que ele, na sua fala em momento algum se coloca inferior aos demais trabalhadores. Ao contrario, coloca-se em pé de igualdade diante dos outros trabalhadores, quando ele diz “eu trabalhava com um engenheiro”, muitos diriam “eu trabalhava para um engenheiro” em seguida “que era meu engenheiro”, ou seja, nesse momento as hierarquias dentro do mundo do trabalho se invertem. É que podemos perceber também na fala de Seu Carlito,

“O cara lá, O MEU ENCARREGADO, queria que, eu viesse passear aqui, e voltasse de novo, eu me dava a minha, a minha vaga dum mês a lista de um mês, pra mim passar um mês aqui na casa dos meus pais, quisesse voltar podia voltar, né, que ele recebia, trabalhar na mesma firma, ai eu não fui não, fui essa vez e pronto, não voltei mais não.”

Seu Carlito diferente de seu Bené, mantém durante toda as entrevista uma postura seria, e afirma não ter mais voltado em Brasília, devido ao traumas que permanecem em sua lembrança.

Ouviu falar da construção de Brasília por um homem conhecido como Firmo Teles. Este, era natural de Coreáú, morava e era proprietário em Brasília. Era o responsável por levar esses homens da Região para trabalharem na futura capital do país, vivendo em constante viagem em busca de trabalhadores, que segundo o seu Bené.

É, vinha até Coreaú, Parnaíba, Araquém, levava, pegava daqui e levava lá, na primeira vez nós, nós pegemo em Parnaíba, no pau de arara, dois pau de arara era, duas carrada ele levou.(...)ai de lá, foi à família de tio Alfonso pra lá ai nós fomo junto, né, daqui...daqui foram, desse carro que veio, pra sair daqui em dezembro, foi o papai, papai, Pastor, Zé Portela, Franciné, cumpade Domingo, Expedito Aquinacio, Quinca Raimundo com a família, irmão do João Raimundo, foi com a família lá (...)"

Seu Bené exerceu função de carpinteiro e marceneiro contratado pela Construtora Pacheco Fernandes Dantas e pela ECRA. Trabalhou na construção da garagem dos ministérios vezes, viajando três vezes. Pergunto por que ele viajou tantas vezes, ele afirma que era saudade da família, "ai o jeito que tinha era fica andando".

Benedito: Eu fui em cinquenta e nove , em cinquenta e nove ... Dezembro e em maio de cinquenta e...fui em dezembro de cinquenta e oito e em maio de 8E8quenta e nove, né. Ai passei aqui uns tempo, eu fiquei e o papai foi e eu fiquei aqui, 8E o papai voltou eu fui de novo, pra lá, ai foi a...segunda vez. (...) É, não eu passava tempo, eu passava o inverno, passava mais, ficava só chegando e voltando de novo. Ai, a derradeira vez, eu fui, cheguei em sessenta aqui, ai... mim casei ai não fui mais não.

E no dia que seria a inauguração da capital ele não estava lá para ver de perto, "eu até fiquei com medo porque a negada disse que ia rola bala e avião e cair pedaço por pedaço, ai eu fiquei com medo, o papai assistiu lá inauguração lá (...) não, eu assisti aqui mesmo, por a (...) lista das rádios, não tinha televisão nesse tempo".

Já Carlito Cardoso de Albuquerque na idade de 72 anos quando as entrevista foram realizadas, Trabalhou na construção de Brasília nos anos de 58 a 59, exerceu a função de servente na construção do palácio do planalto, sendo contratado pela a Pacheco Fernando Dantas. Seu Carlito afirma ter chegado em Brasília no dia 17 de dezembro de 1959, em sua carteira de trabalho, a data de admissão nessa construtora é a mesmo do dia de chegada a Cidade, o que podemos concluir é que eles já saiam de Araquém com certeza, de que ao chegarem à Capital já estavam com seus empregos garantidos.

Muitos dos Candangos eram solteiros, mas, isso não exclui a participação dos homens casados, que viajavam com a família ou iam, e mandavam dinheiro para os que ficavam, ou então, mandavam busca-los quando já estavam instalados em Brasília.

Chegavam à Cidade, iam procurar familiares que já se encontravam por lá, ou iam direto para os acampamentos sujeitos a todo espécie de maus tratos. A pressa por parte do governo pelo término das obras, fazia com que os trabalhadores virassem a

noite e até aos domingos trabalhando, é o que podemos perceber na fala de seu Bené, “era direto, lá era direto não tinha esse negócio não de trabalhar domingo. (...)Nós trabalhava domingo ali na construção, tinha que entregar as obras no tempo,assim nós botava era pra valer mesmo, trabalhava direto vinte quatro hora, doze hora,dez hora.”

Isso se devia ao fato de que o presidente queria terminar as obras e fazer a transferência da sede do governo para Brasília, antes que seu governo acabasse, ou seja, as obras, que tinham começado em 1956 tinha data de inicio, e de termino, os trabalhadores não devieram parar.

Havia, pois dois motivos evidentes para a pressa:em primeiro lugar, o período presidencial de Kubistchek terminaria em 1961,e, de acordo com a constituição,o presidente não pode ser eleito para dois mandatos consecutivos. Ora êle evidentemente queria entrar para a história como fundador e construtor, até o fim de Brasília.Em segundo lugar, era certamente necessário, um tal feito violento, instigados por imensas propagandas, para que a construção não se prolongasse até desvanecer o interesse público no mesmo.(SCHNEIDER,309).



Figura 03 – Restaurante do Serviço de Alimentação e Previdência Social (SAPS), na VELHACAP
Local: Candagolândia/DF
Data: 1958-1959
Fonte: Arquivo Público do DF
Nov.D.04.D.04.B.06 No. 760
Autor: não identificado

Se a dominação permeia o conjunto da vida social, a resistência está aí igualmente presente, não apenas de forma organizada, mas também sob formas “surdas”, e “implícitas”. (VIEIRA, 08).

Nesta perspectiva, as suas narrativas apontam para um mesmo acontecimento, “um Incidente na Construtora Pacheco Fernandes Dantas” onde os trabalhadores da Construtora, ao reivindicarem por melhores condições de trabalho, sofreram com a violência da Guarda especial de Brasília – GEB. O artigo publicado em 2009, pelo

mestre em jornalismo Nonato, faz uma análise das notícias publicadas nos jornais da época, sobre o ocorrido, onde a manchetes apresentam diferentes versões:

Dia 8 de fevereiro de 1959, domingo, segundo dia de Carnaval, um incidente, conflito ou trucidamento (conforme noticiaram os Jornais da época) um massacre(...)ocorreu no acampamento dos funcionários da construtora Pacheco Fernandes Dantas, durante a construção de Brasília, no governo de Juscelino Kubistchek.(...)A Guarda Especial de Brasília(GEB) reprimiu com violência um motim dos trabalhadores, ocasionando morte(s)e ferimentos.Depoimentos de vitimas sobreviventes contam que o conflito com a GEB foi o ápice da indignação dos trabalhadores quanto ao tratamentos que recebiam na Pacheco Fernandes Dantas.Apesar da razoável remuneração,muitos reclamavam das condições de trabalho, da precariedade da comida, da pressão para trabalho ininterrupto visando cumprir os prazos de entrega.(NONATO, 2009:9).

O mesmo assinala que “Na versão oficial, por volta das 21h, 27 policiais foram ao acampamento armados com revólver calibre 38” continua “A historia oficial apresenta 1 morto e três feridos” para ele “A ocorrência teve cobertura jornalística insuficiente e até hoje permanece obscura na historiografia.” E “o único jornal que enviou jornalista(...) foi o binômio, veículo de oposição a Juscelino Kubitschek, desde os tempos em que era Governador mineiro”.Assim, apontamos para várias lacunas na história da Construção de Brasília, que tende a cair do esquecimento, em detrimento dos discursos de exaltação da mesma.

O episódio do massacre dos operários está cercado por uma série de versões que se dividem em dois eixos : de um lado, os representantes do governo federal que afirmaram ter sido um episódio sem relevância, e somaram a eles as notícias publicadas dias após o acontecimento pelos grandes jornais do país, e de outro, os depoimentos de trabalhadores e profissionais de Brasília e as matérias publicadas pelos jornais Binômio de Belo Horizonte e O Popular de Goiânia .(SOUSA, 011:08)

No artigo “O massacre de Pacheco Fernandes Dantas em 1959: memória dos trabalhadores da construção civil de Brasília” de Nair Heloisa Bicalho de Sousa, no qual ela faz uma analise da violência no cotidiano dos acampamentos e nos canteiros de obras na cidade no período em questão.

Além de textos o fato também foi retratado no cinema no filme “Conterrâneo velhos de Guerra” (CARVALHO: 1994) quando indagado pelo Vladimir Carvalho, acerca da “chacina”, Oscar Niemeyer, afirma desconhecer o episodio, já Lucio Costa, também não

reconhece que houve um conflito, considerando “episódios do ponto de vista da construção da cidade, só episódios, não tem a menor importância, (...) Isso é conversa de candango, homem de praça”.

Trabalhadores de Araquém em suas narrativas apontam para uma versão diferente da que consta na chamada da História Oficial. Os mesmos relembram da violência pela qual passaram na “Capital da Esperança”; quando pergunto ao seu Bené, se era só trabalho se não tinha diversão, ele responde “a diversão que nos tivemos lá foi, era peia que no pegamos lá, houve foi bala, morreu até gente nessa firma no canteiro da Firma lá” referindo-se ao conflito que houve na Pacheco Fernandes Dantas. A seguir o Senhor Bené, e seu Carlito narram em uma riqueza de detalhes o episódio.

(...) Isso foi no dia oito de janeiro de cinquenta e nove, nós trabalhava nua firma lá, um dia a negada se embebedaram lá, e foram avisar as policias, lá nessa noite e houve até bala lá, morreu até gente nessa firma lá, no canteiro da firma lá. (...) a negada se embebedaram lá na Vila Mauri era pertinho, pertinho do acampamento, nós ia pra lá toda noite né, ai chegaro la com a cara cheia de cerveja os paraibanos (...), ai chegaram um dia quatro hora dia de domingo, começaram a fazer (imbrui)de prato lá dentro da cantina, ai fizeram a bagunça lá, o empregado da cantina deu parte á NOVACAP, a NOVACAP mandou dois policiais (...) “rumbora rapaz nós viemos buscar os rapaz que bagunçaram aqui a cantina”, de quatro hora pra cinco hora da tarde, (...) subiram o portão ai foi lá, ai os paraibano foram botaram obstáculo lá, “que rapaz? “cês não vai levar ninguém aqui não”, “não rapaz borá levar os homens cês num bagunçaram,?” pode deixar os homens cês vão levar ninguém, ai desseram, “ ai ficaram magoide corno, viado, cês leva ninguém”, ai tudo bem passou, passou quando foi, passou, aí as coisas já tinha resfriado, aí troquei de roupa e fui a Vila Mauri, eu cheguei da Vila Mauri uma nove hora, cheguei tomei banho de novo, me deitei no barraco, minha cama é assim no barraco, minha cama era assim no chão, e tem aqui e tem ali o chão, ali é minha cama aí tem outra em cima, ai quando eu cheguei, aí a bordoadada na porta, aí começou o tiroteio té té té (...) começaram do portão logo do canteiro da obra e, ai botou todo mundo pra fora dos barracos, metero bala lá ai empurraram o pé, ainda peguei um machucado nesse dedo aqui, ai e (...), quando eu pulei a porta pra sair pra fora, era bala zinindo no meio de todo mundo, ai quando foi, quando eu sai as duas policias tava na porta, eles meteram o pé na porta eles derrubaram a porta e eu ia sair, ai tava com a borracha pegou nesse dedo aqui e no ombro, passei foi dia doente, disse ai, passe muito sem trabalhar ai foi quando eu sai, ele disse “rapaz não bate nesse menino ai que ele é de menor” eu era quais de menor mesmo, “bate nesse menino não que ele é de menor, ele não tem culpa no cartório não”, ai botou todo mundo pra fora, botou todo mundo pra fora, trinta e um soldado (...) e ai fiquemo ai botaram todo mundo pra fora, ai fez uma fila soldado botou uma assim, outra assim, ai passava de um por um e ele metia a chibata, pá pá, quando ele se abachava a borracha não pegava ia se embora, quando botou todo mundo na fila pra pegar peia de novo, aí eles foram catar os mortos (...) Apanhemo sem saber, apanhemo inocente eu foi um, eu não sabia o que tinha acontecido lá não, o barraco todo furado de bala, as camas dos meus tios que morava lá, minha família que morava em Brasília no bandeirantes, e ficava lá que o quarto é pequeno ele dormia na

firma, lá bala atravessava entrava na na parede entrava no barraco e saia(...)o Quinca Albuquerque , o ti Alfonso tivesse la tinha murrido, morrido dormindo (...) O papai tava num barraco lá ele o Mané Cordeiro, o Custodio , no barraco tinha gente doente com febre, gripe, eles chegaram meteram a perna, o pé no barraco quebraram, ai olharo pra dentro só tava só os três lá numa cama “ vocês o que tão fazendo aí?” “nós tamo aqui doente , nós não tem nada haver com isso, nos tamo aqui doente aqui dois mês gripado com febre” ai saíram, e debaixo, do barraco dele, do barraco, de dentro do barraco desceu um com uma bala na virilha lá ele morreu debaixo, ai a policia catou aí levaram.(...)ninguém teve muito tempo de contar, por que eles ficaram com medo , já tinha um bucado de gente já morto, eles ficaram com medo pegaram um monte e botaram nua caçamba da firma ,até uma F600,né, era uma f600 a caçamba amarela , ai pegaram foi embora, ai os piãos, os encarregado da firma, mandaro aquetar lá e mandaram dormir, né, nos fumo. (...) Pois é desapareceram, no acampamento desapareceu 22 morte e não apareceram mais não, eu sei que um bocado morreu.

Ainda sobre o ocorrido,

Carlito: (...) Na hora da refeição, começaram a confusão lá, a briga, ai o cara foi, largou o garfo na barriga do outro, ai chefe da cantina, foi tomar as providências sabe? Ai chamou a policia, vei três policia, buscar os caras que brigaram, aí a policia chegou, chegou um bucado de pião pra não deixar levar os caras que brigaram, ai a policia saiu, era um bando de gente, três policia não podia agir(...)Ai chegou dois carros cheio de policia, cheio de policia lá, ai foi logo entrando no acampamento e atirano no guarda e o guarda, o guarda no portão, correram ai eles entraram na acampamento, ai açoitaram a piãosada que tava nos barracos, já trancado pra dormir, já era de noite, quase onze hora da noite, mataram parece que bem uns dois ou três, açoitaram um bocado, ainda deixou um bocado de gente preso tudo no quarteirão de uma barraco lá, um multidão de gente lá tudo trancado, preso pra não sair dali, ai eles levaram tudo, foram se embora.(...) Corremo, corremo, se não tivesse corrido, nós correno e bala zuano, passava do lado eu só não morri por um milagre de Deus, a bala entranchava assim(...) Mataram, mataram até um pião debaixo do nosso barraco, eles mataram era até um pintor, eles atiraram nele, ela era até de Parnaíba esse cara que eles mataram, o cara foi reagir a policia né, tomou o revólver da polícia, que tava em cima dele, a policia né o cara, ai o outro chegou atirou nele, matou ele em cima do cara, debaixo do barraco, o barraco era de madeira.

As falas dos entrevistados apontam para causas e consequências desse “Incidente” uma greve feita pelo os operários, estes que, mesmo sem se darem conta do que estava acontecendo (refere-me os casos específicos) participaram do primeiro movimento Sindical na Nova Capital. Senhor Benedito afirma que, assinou uma carta, mas não sabia de fato o conteúdo da mesma, suponho que deva ser algum abaixo assinado, organizado por quem estava à frente das manifestações.

Benedito: (...) ai tinha um escritório que nos inauguremos na noite de Natal esse escritório era todo na vidraça, lá, também, pertinho do canteiro lá, ai fumo quebrar isso ai, ai os engenheiros passaram na frente mas os encarregados, pedindo pelo o amor de Deus que não quebrasse “então por

que cês mandou açoitar nós? ai com pouca chegou os caminhão,da firma, chegou o sinicato,chegou gente dos sinicato, enchemo dois caminhão de pião e levemos pra, pra sede do sinicato em em Bandeirante, ai fiquemo lá,ai passou quando foi duas horas tinha lá a fila de carro na bandeirantes tudim pra assinar não sei o que lá, nós, a firma parou oito dia(...) nós queria quebrar o escritório pedindo as contas, pediram a conta, e não queria pegar mais peia, ai mandaram calmar, calmar, calma e até, ficaram assim quebrando, eles fizeram fila, o padre Roque, os encarregados, os engenheiros da firma o Doutor Fausto, oia era até, Três, doutor Pedro, doutor Pacheco, e doutor Fausto que era os engenheiro da obra da Pacheco, que chama Pacheco Fernandes Dantas, que era o nome dos engenheiro era o nome da firma.(...) tava lá o exercito, o exercito dois carro, ficava olhando assim pra nós, ai fizeram não, ai nos ia quebrar mesmo, mas, como o engenheiro fez barreira e o padre Roque, nós calmemo mas nós ia chegando perto, nos ia tudo armado de pedra. (...)é por causa da violência, nos tava violentado, ai tava todo mundo enraivado, ai queria sair da firma né, (...) a gente dizia “vombora quebrar” nós tamos querendo as contas, vamos quebrar que nós queremos quebrar as conta hoje” e era aquela bagunça lá, [risos] Bené: Não, dizia assim “calma meu povo, calma meu povo, vamo calmar que passou que passou”(...) Os trabalhadores do comando lá eu não conheci não, eu sei que era mulher e homem lá, não sei quem era da presidência nem quem era secretario, nem quem era tesoureiro,o que eu sei que nos assinemo eu uma folha lá, e viemos se embora.

Portanto, pensar a vida dos candangos Araquenses em Brasília, implica não só entender, como esses homens viviam no seu dia a dia, no contexto de uma cidade em construção, mas, também perceber como eram construídas as relações e condições de trabalho, nas cantinas, nos acampamentos, nos canteiros de obras. Para estes homens Brasília não representou apenas um espaço de trabalho, mas, também de sociabilidades e de lutas. “Nessa dimensão, trabalhar memórias significa trabalhar como o campo de disputa e diálogo”. (SALES, 2009,178).

Nesta dimensão, levando-se em conta a possibilidade do esquecimento, convém retornar a este tema diversas vezes, não para repetir as análises que já existem, mas vê-lo de uma maneira sempre renovada, com outras abordagens, para assim, dificultar o seu esquecimento, buscando dialogar com as experiências destes sujeitos sociais, com os modos de vida e relações constitutivas de suas culturas”.⁷

⁷ Tomando de empréstimo a reflexão de Beatriz Sarlo, em seu texto “A história contra o esquecimento”, em que analisa o filme *Shoah*, de Claude Lanzmann, argumenta que, o que se sabe pouco “tem a fragilidade de um discurso que pode ser esquecido”.

Apontamos para a memória coletiva do grupo, uma vez que, os senhores selecionados tem uma história social comum: ajudaram a construir Brasília, migraram na mesma época, e retornaram ao lugar de origem, mas cada um com um carga de experiência diferenciada. “A transparência dos idosos se torna mais valiosa na compreensão das experiências sociais, pois as práticas cotidianas trazem à baila aspectos, antes menosprezadas, mas que complementam ou constitui versões antes consagradas”. (JUCÁ, 1996, 34).

Essa memória coletiva pode desvendar praticas sociais comuns guardadas pelo Grupo, porém conhecer as individualidades de cada grupo implica como cada um percebe e conta os acontecimentos vividos por ele e pelo o grupo, que evidencia também uma memória individual.

Neste sentido Portelli (1997) nos chama a atenção para as relações entre memória coletiva e memória individual.

A essencialidade do individuo é salientada pelo o fato de a História Oral dizer as versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em ultima análise, o ato e arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. (...) Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social ,tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas as pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, e valendo-se de instrumentos criados e compartilhados. (PORTELLI, 1997:16).

. Numa perspectiva da historia social, a pesquisa busca entender por meio das narrativas destes trabalhadores, como estes se percebem enquanto sujeitos históricos, através de suas memórias e experiências. Percebendo a importância desses atores sociais que vivenciaram e contribuíram de forma significativa para a construção de Brasília.

Portanto, as narrativas apresentados por eles, são antes de tudo, as representações de homens comuns do interior do Estado do Ceará acerca da Historia, as suas paixões e visões de mundo, sonhos, esperanças, que se manifestam nas suas falas sobre suas trajetórias de vida. Uma vez que, escrever sobre “a lembrança dos excluídos

do processo histórico, no caso os idosos, nos revela um outro cenário dos espaços urbanos antes relatado apenas nos limites de versões oficiais”(JUCÁ,2009,34).

Pensar a história através da narrativa dos próprios entrevistados significa inserir na História da construção de Brasília, novos sujeitos sociais.

Significando também, a ampliação do campo da pesquisa histórica e outras possibilidades de interpretação.

(...) entender como pessoas e grupos experimentam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas”. (...) A capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica- isto é, permite a “mudança de Perspectiva” (ALBERTI, 2004:26.)

Porém, o que queremos evidenciar na nossa pesquisa não são os grandes feitos do Presidente e de seus pares, pretendemos fazer uma análise de como os trabalhadores de Araquém, distrito de Coreau participaram deste processo e se tornaram de grande importância para a construção da Capital. Que no dizer de Yara Aun Houry : “Valoriza-se o papel ativo destes múltiplos sujeitos históricos que vivem suas experiências integralmente como idéias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, razão, desejos como sujeitos sociais que improvisam e forjam saídas.”

Entender a migração através de suas narrativas é importante, pois nos fazem repensar a História de nosso país em uma perspectiva crítica que não anula o sujeito no processo Histórico, muito pelo contrário, o coloca em evidência, uma vez que, é a partir de suas experiências é que será construído esse processo histórico.

Sendo também, uma forma de dar visibilidade a esses trabalhadores pelo suor por eles derramado em nome de um projeto de Nação, por muito elaborados, um “Sonho de todo o País” que se materializa na Figura do Presidente JK, e que muitas vezes, “camuflava” a participação efetiva dos Construtores de Brasília, os chamados Candangos.

Neste sentido, os trabalhadores diferentemente de sua terra Natal, onde todos se conheciam, acostumados com a Agricultura tiveram de se adaptar com outras atividades e outros meios de convivência. É de considerar que na década de cinquenta as relações nas cidades interioranas, neste caso a de Araquém, eram bem pessoais onde todos se

conheciam por nome. E eles ao chegarem à nova Capital se depararam com outros povos de culturas e línguas diferentes das suas, adaptando-se ao clima completamente diferente do clima no sertão, em sua maioria transportada em pau-de-arara, sem o menor conforto. Dias e dias de viagem em estradas esburacadas em busca do desconhecido, tendo, suas vidas e espaços completamente modificados. Os trabalhadores além, de ter sofrido influências da cultura diversificada manifestada por diversos povos, também foram importante para a construção da identidade Brasiliense.

Quando pensamos o discurso que exalta Brasília como uma capital da Esperança, precisamos pensar no processo de construção da mesma, para que? para quem ?e por quem ela foi construída? Ela é considerada pela UNESCO como patrimônio da humanidade, sendo uma das cidades planejadas mais elogiada do mundo, mas “uma cidade planificada pode na melhor das hipóteses ser bela quando os planos não tem ambição de se estenderem até a ultima cabana” (SCHNEIDER, 311).

Pensar a História da Construção de Brasília sobre a perspectiva dos trabalhadores é o que eu pretendo fazer nessa pesquisa, aqui, eu só apresentei minhas inquietações iniciais que pretendo desenvolver na minha monografia de conclusão de curso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALBERTI, verena, Ouvir contar: Textos em historia oral. Rio de janeiro, FGV,2004.

CARDOZO, Heloisa Helena Pacheco. Narrativas de um Candango em Brasília. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.24,nº 47,p,163-80-2004.

CARVALHO, Wladimir. Conterrâneos velhos de guerra: opinião da crítica e roteiro.Brasília: GDF/Secretaria de Cultura e Esporte/ Fundação Cultural do DF, 1997.

ESTRELA, Ely Souza.Os Sampauleiros: Cotidiano e representações.São Paulo/Humanitas/Educ/ FAPESP.2009.

Houry . Yara Aun. A pesquisa em História. São Paulo,Ed.Ática, 19995

J. REIS. Reinaldo de Lima. CIDADE, TRABALHO E MEMÓRIA: OS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA. (1956-1960). Belo Horizonte, 2008.

JUCÁ, Jisafran Nazareno Mota. Memórias Entrecruzadas: Experiências de Pesquisa. Fortaleza, Ed UECE, 2009.

MIIDER,C., CASALI,C.JK: a construção do mito antes da minissérie global. 2ª Ed.Revista :Revista Científica Interdisciplinar da Gradação, São Paulo,2011.

NONATO, Alexandre. Análise das notícias sobre o incidente na Pacheco Fernandes em Brasília e as consequências da ausência do jornalismo. Intercon - Sociedade brasileira de Estudos interdisciplinares da comunicação - Curitiba, PR,2009.

OIIVEIRA, Juscelino Kubitschek. Por que construí Brasília. Brasília: Rio de JNEIR:Bloch editores S.A.1975.

PORTELLI, Alessandro. TENTANDO APRENDER UM POUQUINHO. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Proj. História. São Paulo 1997. SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo, editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SILVA, Vladimir Carvalho da. *Vladimir Carvalho da Silva (depoimento, 2010)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010.

SOUZA, Itamar de. MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL. Petrópolis: Editoras Vozes & Fundação José Augusto, 1980.

SOUZA, Nair Heloisa Bicalho. Memória dos trabalhadores da construção civil de Brasília.

Disponível em: unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/.../2053.pdf.

SCHNEIDER, Wolf. História das Cidades de Babilônia a Brasília, 3ª ed. Editora A.S.

Villa, Marco Antonio. Vida e Morte no Sertão: História das secas nos séculos XIX e XX, São Paulo, Ed Ática, 2001.

SALES, Telma Bessa. Experiências de canudenses na cidade de São Paulo - 1950-2000: Memórias e Experiências. 2006.

VIDESOTT, Luisa Os Candangos, disponível em:

http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revista_risco/Risco7-pdf/02_art02_risco7.pdf.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. 4 ed. Editora Ática, 2003.

FILME

CARVALHO, Wladimir. *Conterrâneos Velhos de Guerra*. Filme documentário, 1990.

ENTREVISTAS

Benedito Teles Moreira

Entrevista realizada em sua residência no dia 28 de Agosto de 2011, por volta de duas da tarde no distrito de Araquém- Coreaú- CE. Nascido em 1932 no Sítio Macaco no Município de Meruoca, Hoje na idade de 72 anos é casado, aposentado e residente em Araquém -Coreú- CE.

Carlito Teles Cardoso

Entrevista realizada em sua residência no dia 28 de Agosto de 2011, por volta das quatro horas da tarde no distrito de Araquém- Coreaú- CE. Hoje ele é casado, aposentado e reside no Distrito de Araquém.

